

HELENA ANTIPOFF - A EDUCADORA RURALISTA: A CONSTRUÇÃO DE UM ACERVO PESSOAL E SUA RELEVÂNCIA PARA A EDUCAÇÃO NA ATUALIDADE.

Iraíde Marques de Freitas BARREIRO*

Resumo: Este artigo propõe-se a refletir como as trajetórias pessoal e profissional de Helena Antipoff (1892-1974), aliadas às suas convicções de que a intervenção e transformação do real decorrem do conhecimento acumulado, da experiência e do desejo de ampliar o bem comum são elementos que vão construindo acervos pessoais, a partir dessa triangulação. Esta construção se funda mais nas práticas e ações do que na intenção de elaborar um acervo, mas termina por compor a construção de uma memória, articulada à formação do “Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff” – Ibirité-MG. Nascida na Rússia e tendo vivido no Brasil no período de 1929-1974, a educadora destacou-se por ações socialmente relevantes fundadas na organização do estudo e da pesquisa nos campos da psicologia, da educação e da educação rural, sendo estas duas últimas objetos de nossa pesquisa documental e análises.

Palavras-chave: acervo pessoal, memória coletiva, educação rural.

Abstract: This paper was carried out as a reflection on Helena Antipoff’s personal and professional career (1892-1974), linked to her belief that the intervention and transformation of reality depend on the accumulation of knowledge, on the acquisition of experience, and on her intention to foster the sharing of the commonwealth, agents which, based on such a triangulation, are capable of building up personal assets. Structure based mostly on practices and actions rather than on the intention to work out assets, but which ended by producing the structure of a memory, linked to the development of the “Center of Documentation and Research Helena Antipoff” – Ibirité – MG. She was born in Russia and while she lived in Brazil from 1929 to 1974, Helena Antipoff stood out due to her socially relevant actions based on the organization of study and research in the fields of psychology, education and rural education, and the last two activities are the subjects broached in our documentary research and analysis.

Key-words: personal assets; rural education; collective memory.

Tratar do *Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff* (CDPHA) cujo nome presta grande homenagem e reconhecimento à psicóloga e educadora pelos trabalhos prestados no Brasil, significa reviver boas emoções que na maioria das vezes não são devidamente valorizadas como constituintes da produção do conhecimento científico. Desenvolvi pesquisa documental para o doutoramento em 1996, quando obtive as primeiras referências do CDPHA com Daniel Antipoff, filho de Helena Antipoff, por meio de telefone, em

um tempo em que os serviços de auxílio à lista telefônica constituíam-se em meios de buscas relevantes para pesquisa, atualmente substituídos pela internet. À época, procurava ampliar a documentação que trata da Campanha Nacional de Educação Rural (CNER), objeto da minha pesquisa¹. Daniel descreveu-me o Centro de Documentação e me indicou o livro biográfico² que escrevera sobre sua mãe, que possivelmente poderia ampliar minhas fontes de pesquisa.

Quando fui pesquisar no CDPHA, minhas expectativas não iam muito além da persistente tentativa de encontrar novas fontes documentais diferentes daquelas conseguidas nos arquivos e bibliotecas do Estado de São Paulo e do Rio de Janeiro. Situado na Fazenda do Rosário, em Ibirité, a 26 Km de Belo Horizonte – MG, na medida em que fazia o reconhecimento daquele espaço, fui percebendo que se tratava de um lugar diferenciado dos demais arquivos que visitara.

Uma funcionária apresentou-me as instituições instaladas na Fazenda do Rosário e por último, o Centro de Documentação, antiga residência de Helena Antipoff. Na medida em que me descrevia o acervo organizado informalmente, sem catalogação das obras e documentos, preocupava-me com a preservação de todo aquele material valioso. Prosseguindo na apresentação fomos até o antigo quarto de Helena e definitivamente tive a certeza de que estava em um centro de pesquisa com vários diferenciais em relação aos já pesquisados. Abrir o guarda-roupa, as gavetas da cômoda com blusas, lenços, meias finas e miudezas, mesmo após 22 anos de sua morte, dava-me a sensação de que aqueles objetos tinham sido tocados há pouco pela sua dona. Senti-me meio invasora; aquele espaço parecia mais uma casa do que um Centro de Documentação.

Após esse reconhecimento emocionante, retornei às estantes para minha pesquisa e só então fui me dando conta de como as trajetórias pessoal e profissional de Helena Antipoff, aliadas ao desejo de ampliar o bem comum por meio de ações socialmente relevantes compuseram a construção de seu acervo pessoal, a partir da triangulação – vida pessoal, profissional e a luta pela melhoria da condição humana. Esta construção se funda mais nas práticas e ações duradouras que marcaram toda sua existência do que na intenção de elaborar um acervo, mas terminou por compor a construção de uma memória, articulada à formação do Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff. Ao longo de sua vida as ações socialmente relevantes fundadas na organização do estudo e da pesquisa, como formas de compreender e intervir na realidade, atribuíram significados às suas ações e daqueles que a cercavam, nos campos da psicologia, da educação e da educação rural, sendo estas duas últimas objetos de meu interesse.

Quem foi Helena Antipoff?



A biografia de Helena Antipoff está amplamente divulgada por meio de textos e livros, dentre os quais destaco ANTIPOFF (1975)³ e CAMPOS (2002 e 2003)⁴, além de 31.700 ocorrências na internet, conforme consulta realizada em 02/08/2006, que incluem artigos, biografias, homenagens, citações em textos, nome de escolas e prêmios recebidos.

Natural de Grodno - Rússia (1892-1974), de família aristocrata pelo lado materno e filha de um oficial do exército, foi educada em ambiente intelectualizado. Em 1908, aos 16 anos, muda-se para a capital francesa em companhia da mãe, que insatisfeita com as condições de vida na Rússia desejava viver em um centro cultural mais avançado.

Nesse ambiente, Helena passou a freqüentar seminários na Sorbone e as aulas de Pierre Janet e Henri Bérghson, no Collège de France, o que veio a despertar seu interesse pela Psicologia, conforme relata seu filho Daniel Antipoff⁵. Em 1912 torna-se psicóloga pela Universidade de Genebra, tornando-se assistente de Edouard Claparède, no Instituto de Ciências da Educação Jean Jacques Rousseau, em Genebra e estabelece contatos com vários intelectuais, entre os quais o jovem Jean Piaget, que exercia a mesma função da educadora.

De Genebra retorna à Rússia com o intuito de cuidar de seu pai, ferido na Revolução de 1917, que pusera fim ao regime czarista. Permanece no país por vários anos, motivada pela vontade de ajudar a reconstruir sua nação. Também escreve artigos importantes sobre desenvolvimento comportamental de crianças abandonadas e “procura compreender o que acarreta diferença no desenvolvimento das crianças. Suas idéias, bastante modernas, tratam da influência da cultura sobre o universo infantil⁶. Nesse período, casa-se, tem seu filho Daniel Antipoff, que faleceu no Brasil em 2004, aos 87 anos.

Na segunda metade dos anos 20, Helena retorna a Genebra e volta a trabalhar com Claparède. Na mesma época, no Brasil, ocorria uma série de discussões acerca de mudanças no sistema educacional. Em 1929, a convite do governo do estado de Minas Gérias, a educadora vem ao Brasil para participar desse processo, sendo recebida em Belo Horizonte, no dia 6 de agosto de 1929 pelos psicólogos Lourenço Filho e Noemy Silveira, vindos de São Paulo, especialmente para essa ocasião⁷. Participa da reforma do ensino conhecida como Reforma Francisco de Campos, uma das iniciativas mais importantes de expressão do movimento da Escola Nova no Brasil que previa a implantação de uma Escola de Aperfeiçoamento de Professores de Minas Gerais para formação de normalistas, com ênfase no ensino da psicologia.

Fundada pelo então presidente do estado, Antônio Carlos, a Escola de Aperfeiçoamento de Professores foi a primeira experiência brasileira de instituição de ensino superior na área de Educação, tornando-se modelo na formação de educadores no país, por duas décadas. Helena foi convidada a implantar o Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento nessa Escola, momento em que aprofundou em seu trabalho a integração entre teoria e prática, ao iniciar estudo e pesquisa em psicologia da educação no âmbito da Reforma, de acordo com os princípios escolanovistas. O trabalho de coordenação do Laboratório “incluiu um consistente programa de pesquisa sobre a criança mineira e sobre o contexto cultural e psicossocial do movimento de renovação das práticas e dos conteúdos da educação – Helena Antipoff assumiu rapidamente a liderança nos assuntos educacionais que caracterizou sua trajetória”⁸, permanecendo no Brasil até 1974, quando faleceu, aos 82 anos, como cidadã brasileira.

Essa liderança deveu-se a sua atenção à ciência e ao contexto de aplicação dos conhecimentos, numa busca incessante de promover a inclusão social a partir de um tratamento especial às crianças, via educação, não somente pela criação de instituições adequadas, mas pela valorização da formação de professores, conforme veremos. Para Regina Campos⁹, esta sensibilidade em relação à problemática da exclusão social e às formas de intervenção certamente são determinadas, em grande parte, pelas experiências de vida de Helena às voltas com convulsões sociais decorrentes de guerras em seu país, o que a levou a ter uma “visão positiva e humanista de uma ciência engajada na defesa do sujeito frente às determinações de uma sociedade seletiva e excludente”. Seu trabalho sempre foi orientado pela sabedoria científica, aliado às melhorias da condição humana, especialmente das crianças.

Responsável pelo Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento, criado em 1929 e extinto em 1946, Helena passa a difundir as idéias Jean Piaget, em Minas Gerais e no Brasil. Piaget era seu amigo e também assistente de Edouard Claparède, no Instituto Jean-Jacques Rousseau, em Genebra. Como parte desse projeto tomou duas medidas: a criação da Revista do Ensino, publicação oficial do Estado, que divulgava novos métodos de ensino publicados em artigos especializados trazidos da Europa e dos EUA e a criação da Escola de Aperfeiçoamento de Professores, com cursos de duração de dois anos, com mestres experientes, de modo a formarem “verdadeiros técnicos do ensino”.

Helena não só continuou citando Piaget em Minas e no Rio de Janeiro, como foi formando novos quadros (professores e ex-alunos) que também passaram a difundir suas idéias. O aceite e expansão da teoria de Piaget foram reforçados pela presença do próprio Claparède no Brasil, a convite de Helena, por mais de uma vez, além de outros intelectuais de projeção, também de Genebra. O seu trabalho na difusão das idéias do amigo no Brasil foi muito expressivo a ponto de contribuir para a formação de um dos núcleos sobre Piaget, em

Minas Gerais, devido ao valor documental e histórico das fontes que acumulou, conforme constata Vasconcelos¹⁰ ao fazer o mapeamento do trajeto teórico de Piaget no Brasil.

O passado marcado pelas vivências bélicas e a atitude científica a bem da ampliação da democracia e da inclusão social marcaram as ações de Helena que se concretizam em obras duradouras, com perspectivas de ampliação e diversificação no campo da educação, em consonância com os contextos social e educacional no Brasil. Desta forma, envolve-se com a fundação de estabelecimentos de ensino, como o Instituto de Educação Superior Rural, a Sociedade de Defesa e Promoção das Crianças Carentes e a Sociedade Pestalozzi, instituída em 1932. Em 1940 monta uma escola para crianças excepcionais do meio rural. Essas instituições posteriormente foram estabelecidas na Fazenda do Rosário e visavam a favorecer a integração entre as diferentes escolas ali instaladas e a comunidade rural adjacente.

A Fazenda do Rosário, com 40 alqueires, foi adquirida pela Sociedade Pestalozzi a partir de doações, tendo à frente do movimento Helena, enquanto coordenadora da Sociedade. A partir de 1940, iniciam-se as instalações de outras obras, tornando a Fazenda do Rosário um complexo educacional, com as seguintes instituições: Escolas Reunidas Dom Silvério, voltada para o ensino primário; Clube Agrícola João Pinheiro, para o ensino e experimentação de técnicas agrícolas; Ginásio Normal Oficial Rural Sandoval Azevedo, com internato para moças; Ginásio Normal Oficial Rural Caio Martins, com internato para rapazes; Instituto *Superior de Educação Rural* (ISER), com diversos cursos de treinamento, incluindo a prática e o cultivo de lavouras, hortas, pomares, criação de animais e cursos de economia doméstica.

Essas obras, iniciadas pela Sociedade Pestalozzi, obtiveram o apoio do governo estadual, especialmente com a participação na Campanha Nacional de Educação Rural criada pelo governo federal em 1952¹¹. Antipoff pretendia tornar a Fazenda do Rosário uma “cidade rural”, ao oferecer uma formação cívica, econômica e cultural com valorização de práticas e vida coletiva, respeito à liberdade, autonomia entre educandos e educadores, num ambiente cooperativo¹². O Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff reúne inúmeros textos preparados para a organização e desenvolvimento de diferentes atividades desenvolvidas nessas instituições.

O Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff



Vista da Fazenda do Rosário onde está localizado o CDPHA (Jornal Diário da Tarde, 1984).

O Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff (CDPHA) é uma entidade fundada em 1980 por Daniel Antipoff para preservar a memória e divulgar o pensamento e obra de Helena Antipoff. É uma entidade que continua ativa e ainda promove o Encontro Anual Helena Antipoff, próximo ao dia 28 de março, data do aniversário de Helena. É um dos mais antigos eventos regulares em Psicologia no Brasil.

O acervo está alocado em Ibirité, no CDPHA, na Fazenda do Rosário e no Centro de Estudos Mineiros (CEM), fundado em 1957, como órgão complementar vinculado à Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais. O acervo do CDPHA – Seção UFMG está distribuído em 4 conjuntos gerais de documentos: os documentos do CDPHA; o Fundo Helena Dias Carneiro, o Fundo Joseph Brozek e o conjunto de documentos doados por Daniel Antipoff. Foi assinado um protocolo de intenções destinado à preservação do acervo e divulgação da obra da fundadora da Psicologia Educacional em Minas Gerais, entre a Universidade Federal de Minas Gerais, a Secretaria de Estado de Educação e o presidente da Fundação Helena Antipoff. O convênio foi firmado durante a realização da 17ª edição do encontro anual que discute o trabalho e o legado da educadora. O protocolo entre a UFMG e o governo de Minas foi articulado pela Assessoria de Cooperação Institucional (COPI). A UFMG abriga parcela considerável do acervo da educadora no CDPHA, instalado na Biblioteca Universitária, com uma lista de acervos e periódicos disponibilizados pela internet¹³.

Helena lecionou durante 20 anos na UFMG tornando-se a primeira professora catedrática em Psicologia. Para Regina Campos, “o espaço que a Biblioteca dedica ao acervo da educadora é uma forma de disseminar o seu trabalho entre os estudantes que pouco conhecem o conteúdo das suas pesquisas”, agora incentivados por meio de projetos de pesquisas na graduação e pós-graduação¹⁴.

O CDPHA é formado por documentos que a própria Helena acumulou no decorrer da sua vida e por doação de pessoas ligadas a ela. Constitui-se de manuscritos, correspondências, textos avulsos, anotações, fotografias, programas de cursos, convites e telegramas enviados às autoridades, matérias publicadas pela pequena e grande imprensa, textos e obras de sua autoria produzidos e acumulados no período que se inicia em 1929 quando Helena chegou ao Brasil, até sua morte, em 1974. Esse acervo documental compõe a construção de uma memória articulada à formação do CDPHA e à organização e funcionamento do complexo da Fazenda do Rosário.

Tratar do CDPHA com a finalidade de discorrer sobre o acervo relacionado à educação e à educação rural é um desafio, porque a maneira como Helena trabalhou e militou pela educação vinculada à ciência e ambas à realidade social, conduziram-na à frente de uma diversidade de atividades, tornando-se impossível tratar da produção da documentação dissociada do seu modo de enxergar e pensar a vida. Esse complexo de questões, sua atuação em várias frentes de trabalho e pesquisas indicam, por outro lado, o significado que esse conjunto de realizações teve para o seu tempo e para reflexões atuais no campo da educação.

Helena Antipoff: a ruralista

As iniciativas voltadas para o meio rural na Fazenda do Rosário implementaram-se a partir de 1947, quando as instituições ali instaladas foram congregadas nos Institutos de Organização Rural ou Centros de Urbanização do Meio Rural, com funções ao mesmo tempo educativas e de “aldeamento” da população em núcleos geográficos mais densos¹⁵. Nesse mesmo ano inicia-se a construção do prédio da Escola Normal Rural financiado com recursos do INEP-MEC. Na visão de Helena, para um país com a maioria da sua população residente no meio rural, empobrecida, abandonada e migrando para as cidades em busca de uma vida melhor, era premente investir na melhoria das condições de vida do campo, a fim de conter a migração. Mais uma vez propõe ações prática-teóricas inspiradas na ciência, agora contando com a contribuição das universidades brasileiras, ao mesmo tempo que crítica a tradição bacharelesca do nosso ensino superior, pouco afeito às atitudes científicas de observação e intervenção na realidade. Ao criticar nossa rotina acadêmica, apostava nas gerações futuras que poderiam aproveitar os potenciais da ciência na resolução de nossos problemas “práticos”. Nesse sentido, afirmava que:

As universidades, recém-nascidas no Brasil em vários estados, infelizmente no começo impregnadas de rotina acadêmica, amanhã, com o desenvolvimento nelas dos laboratórios e dos

institutos de pesquisa científica no campo da Biologia, da Geografia Humana, da Sociologia e da Psicologia, despertarão na mocidade a curiosidade intrínseca pelos fenômenos naturais, pela vida do homem, pelas formas de seu comportamento em meios variados, e trarão conhecimentos objetivos, em substituição a uma ciência de palpite que pouco auxílio poderá trazer na reconstrução do país.¹⁶

Daniel Antipoff¹⁷ também descreve a trajetória de Helena como “a ruralista”, ao recuperar como a educadora passa a propor ações na busca da resolução de diferentes problemas do meio rural, especialmente a partir da criação da Campanha Nacional de Educação Rural, objeto de estudo de meu doutorado, que em decorrência dos convênios firmados entre a Sociedade Pestalozzi, a Secretaria da Educação e Ministério da Educação fortalecem esse setor e ampliam as possibilidades de ações no meio rural.

A Campanha Nacional de Educação Rural (CNER) foi criada em 1952, no governo de Getúlio Vargas, oficializada em 1956 na gestão de Juscelino Kubitschek e extinta em 1963. Um de seus principais objetivos era o de adequar os habitantes rurais ao novo modelo de desenvolvimento para torná-los cidadãos e “elevar seus padrões culturais”, concebidos pelo programa como atrasados e inferiores do ponto de vista cultural¹⁸. Era corrente a idéia de que os habitantes rurais deveriam se modernizar para se integrarem ao plano nacional de desenvolvimento. Para atender a tais objetivos, a CNER fundamentou-se em diversas correntes filosóficas e ideológicas que buscavam refletir sobre o desenvolvimento econômico, cultural e social das populações carentes de modo a engajá-las ao plano nacional e em particular ao processo de modernização do meio rural, decorrente da expansão industrial dos anos 50¹⁹.

Conhecidos como período desenvolvimentista, os anos 50 foram profundamente marcados pela idéia de progresso decorrente do desenvolvimento industrial, com desdobramentos na agricultura. Esse período é marcado por uma combinação de fatores externos e internos ao nosso país que viabilizaram a implementação de políticas voltadas para o desenvolvimento das populações carentes, em particular no meio rural. A nova conjuntura internacional, instaurada após a II Guerra Mundial propiciou o estabelecimento de diferentes acordos para assegurar um desenvolvimento econômico profícuo aos países mais pobres. Por meio da ONU, os Estados Unidos passaram a trabalhar com o objetivo de garantir a “ordem social” e preservar o “mundo livre”, lutando para manter um número maior de países sob o seu domínio político, econômico e ideológico. Acreditavam que na luta ideológica os povos famintos assimilariam melhor a propaganda comunista, quando comparados às nações prósperas. Esse fato levou o governo americano a iniciar, após a II Guerra Mundial, um extenso programa de assistência técnica aos países pobres, especialmente àqueles situados na América Latina, o que em parte explica a criação da Campanha Nacional de Educação Rural²⁰.

A partir desses eventos, Helena vai se aprofundando na problemática do meio rural e ampliando sua atuação, com suporte técnico formado pelas instituições da Fazenda do

Rosário, especialmente por meio dos Cursos de Aperfeiçoamento para professoras rurais. Seu trabalho passa a ser conhecido e reconhecido e as reivindicações de prefeitos por melhores professores qualificados para o meio rural, constituem em uma das grandes demandas. Com isso, Helena solicita audiência com o titular da pasta da Secretaria da Educação de Belo Horizonte, Dr. Abgar Renault, para discutir a problemática do meio rural e em particular a da formação de professores.

Desses encontros frutíferos resultou a organização de um Serviço de Ensino Rural, orientado por ela e com a colaboração de ex-alunas da Escola de Aperfeiçoamento, culminando na realização de um amplo treinamento do professorado rural. Algumas cidades do interior de Minas foram escolhidas como centros regionais de treinamento, “com ênfase nos Clubes Agrícolas, publicando-se a revista *Escola Rural*, que serve de guia e de estímulo para centenas de professores, cuja situação funcional e financeira acaba melhorando”²¹.

A educação rural será então marcada pela filosofia pedagógica da escola ativa que privilegia o desenvolvimento da autonomia do educando, a atitude democrática, o respeito à diferença e a crença na ciência como instrumento de melhoria da vida. À escola rural, praticamente inexistente no país, caberia a “formação de uma nova mentalidade”. Helena critica as escolas normais existentes no país. Propõe a criação de escolas rurais que romperiam com o “curandeirismo pedagógico” e procederiam “medidas planejadas e humanitárias à assistência educacional à criança desvalida” e à população em geral²².

O início dos anos 50 serão pródigos em realizações na Fazenda do Rosário e em ações voltadas à formação de professoras para a zona rural, devido aos recursos provenientes do governo federal repassados à CNER, que passa a contar com os trabalhos de Helena como Coordenadora do programa no estado de Minas Gerais. Em 1951 são inaugurados quatro primeiros pavilhões do prédio oficial da escola Normal Rural Sandoval Soares de Azevedo. Ocorreram várias atividades como Exposição de Educação Rural e de Cerâmica e diferentes cursos de treinamento para professoras rurais. Em agosto de 1952, com recursos da CNER, inicia-se o 11º Curso de Aperfeiçoamento para professoras rurais com a inclusão de nove estagiárias bolsistas da CNER, sendo que o primeiro curso de Aperfeiçoamento para professores rurais, sob a coordenação de Helena Antipoff havia ocorrido em julho de 1948. Nesse mesmo ano realizou-se a 1ª Jornada Ruralista que reunia exposição de produtos rurais com a publicação e distribuição do Boletim nº 1 de “Escola Rural”, Órgão dos Cursos Rurais da Fazenda do Rosário²³. Os anos subseqüentes foram marcados pela continuidade dos cursos para formação de professores rurais e pela ampliação de obras destinadas à expansão da educação rural, sendo que em julho de 1951 ocorreu o 1º Seminário de Educação Rural, sob a presidência do Governador Milton Campos e do Secretário Dr. Abgar Renault, com discussões e propostas melhores sistematizadas para o setor.

Pode-se afirmar que a participação de Helena na CNER representou uma forma concreta de ampliação de seus trabalhos no meio rural e da objetivação de seus ideais, sem

que isso representasse um endosso aos objetivos da CNER, no seu conjunto. A educadora sempre apostou e procurou desenvolver uma educação favorecedora da autonomia dos educandos, da ampliação da democracia com vistas à construção de uma sociedade menos excludente, em que as diferenças culturais e os diferentes modos de vida pudessem ser trabalhados e desvendados pelos conhecimentos advindos da ciência, adaptados à realidade. Nesse sentido pretendia levar à comunidade rural os benefícios civilizatórios da escola e a “formação de uma nova mentalidade” por meio da educação, cabendo aos educadores o papel social de contribuir para “edificar formas mais produtivas e mais eqüitativas de vida coletiva”²⁴.

Com esse espírito, Helena organizou o *2º Seminário de Educação Rural* no período de 13 a 20 de novembro de 1952, com o patrocínio da CNER e com a participação do pedagogo Pierre Bovet, da Suíça, hóspede da Fazenda do Rosário²⁵. Localizei as Atas desse Seminário no CDPHA quando pesquisei a documentação sobre a CNER. O Seminário foi promovido em parceria com o Ministério da Educação e Saúde, a Secretaria de Educação de Minas Gerais, a Sociedade Pestalizzi e a CNER. Nesse evento estiveram presentes várias autoridades como o Governador do Estado de Minas, representantes da Igreja, Anísio Teixeira (Diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos), Dr. José Arthur Rios (Coordenador da Campanha Nacional de Educação Rural), José Irineu Cabral (Coordenador da Experiência Rural de Itaperuna – RJ, que subsidiou a CNER) e Helena Antipoff na qualidade de chefe do Serviço de Orientação Técnica do Ensino Rural de Minas Gerais. A sessão de abertura foi presidida pelo Secretário de Educação Dr. Odilon Behrens, com a presença do ilustre pedagogo Pierre Bovet, convidado para a conferência de abertura, citado em um dos telegramas abaixo, juntamente com outros convidados.

em forças sociais, desde que intimamente relacionadas e incorporadas à realidade social e cultural do homem do campo, para diminuir possíveis resistências aos novos ensinamentos educativos. Afirmava que qualquer medida social pode ser comprometida se, na fase inicial, cometer erros ao trabalhar os princípios educativos e culturais. “A inovação de qualquer medida perfeitamente aceitável e de inteiro bom senso, pode acarretar, pelos efeitos não previstos, conseqüências das mais graves e negativas”, afirmava Helena Antipoff²⁸.

Para exemplificar, relatou uma ocorrência em um dos Centros de Treinamento para Professores Rurais, em Minas Gerais, beneficiado com um motor gerador de luz elétrica mais potente, conseguido por meio de abaixo-assinado dos habitantes rurais estimulados pela CNER. O pedido foi atendido causando grande satisfação no povoado; porém, segundo Helena, um novo fenômeno surgiu, decorrente da nova medida introduzida. Antes, “o povoado mergulhava no silêncio da noite e seus habitantes tranqüilamente restauravam as energias gastas durante o dia que começava cedo”²⁹. Com a expansão da luz elétrica, a iluminação estendeu-se até as vinte e três horas, aumentando as horas de vigília, de lazer e os habitantes criaram novos hábitos, incompatíveis com os objetivos da CNER, na avaliação de Helena.

Por outro lado, é possível verificar no mesmo exemplo que os habitantes rurais não recusaram o elemento moderno, participaram ativamente da sua aquisição; porém atribuíram-lhe novas funções e finalidades além daquelas de iluminar o Centro de Treinamento de Professores e ampliar a integração entre os habitantes nos moldes previstos pela CNER. Perplexa diante dos rumos que tal fato tomou, Helena se indagava:

Quem de nós seria bastante perspicaz em prever tais conseqüências de uma medida altamente civilizadora - luz elétrica - com seu cortejo inesperado de distúrbios e inconvenientes, tanto de ordem cultural quanto de higiene mental e de boa ordem social, no pacato rincão de Minas Gerais? Assim, lembremo-nos que toda medida nova é uma arma de dois gumes e toda técnica de progresso material nunca pode ser introduzida no ambiente social sem um esforço paralelo na elevação cultural da comunidade e da educação integral de seus membros³⁰.

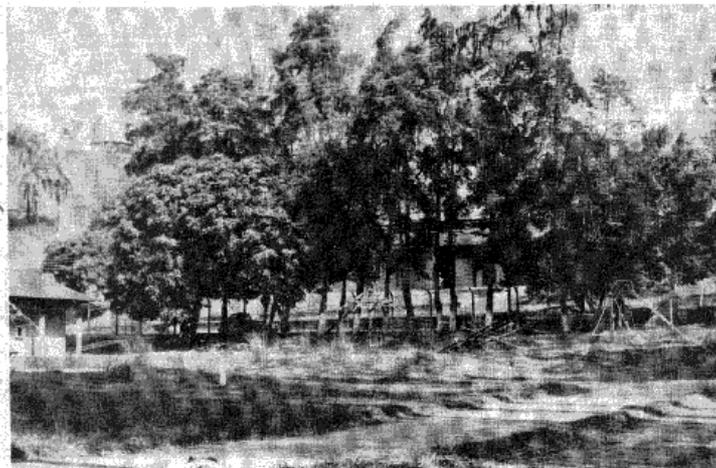
Na verdade, as preocupações de Helena em como promover uma educação rural que fosse ao encontro da cultura de seu meio e que seja significativa, diminuindo as resistências aos novos ensinamentos, constituiu-se em um dos grandes desafios daquele momento, presente nos dias atuais quando se trabalha com populações à margem dos sistemas. O que fazer para que a educação encontre eco em suas vidas? Com quais princípios e estratégias deve-se trabalhar? O exemplo descrito reflete as dificuldades, contradições, dilemas e conflitos vividos por Helena no seu trabalho educativo entre culturas diferentes, em que as certezas não se colocaram como repostas plausíveis e mais uma vez, o apelo à ciência, por meio da

observação, foi seu ancoradouro para a compreensão do diferente e para uma educação significativa.

As descrições de Daniel Antipoff³¹ sobre as realizações de Helena no campo da educação rural indicam que nos anos 60 houve uma diminuição acentuada na realização de eventos e atividades, o que é perfeitamente compreensível. Em 1963, o grande suporte de tais realizações, a CNER, foi extinta oficialmente. As revistas da Campanha Nacional registram inúmeras queixas sobre os poucos recursos destinados ao programa pelo Governo Federal desde 1960, obrigando a vários cortes orçamentários e a redução de suas ações, o que certamente comprometeu os trabalhos de Helena na CNER.

Em 1957 Daniel Antipoff³² registrou a realização do 3º. Curso de Supervisores Rurais; em 1959 a comemoração dos 20 anos da Fazenda do Rosário e em 1969, a criação da Associação Comunitária do Rosário para o Desenvolvimento e Assistência (ACORDA). É possível verificar uma lacuna de 10 anos (1959-1969) sem registro de atividades expressivas, sendo que em 1970 ocorreu a transformação do antigo Instituto de Educação Rural (ISER), em Fundação Especial Estadual de Educação Rural Helena Antipoff. Este cenário aliado ao regime militar instaurado naqueles anos, possivelmente minou os trabalhos de Helena de modo que a Fazenda do Rosário passou a realizar atos de caráter mais comemorativos, com iniciativas que provavelmente não partiram de Helena, como a instalação do 1º. Curso de Preparação para os exames Supletivos para 1º e 2º graus.

Helena Antipoff faleceu em 1974. Em 1973, muito debilitada, escreveu longa carta ao jovem André Luís, filho do psicólogo André Rey, seu amigo, solicitando-lhe um texto para a *Revista da Juventude Brasileira*. Externava suas preocupações acerca da necessidade de se buscar novas estratégias de assistência social e cultural aos jovens pobres brasileiros, que facilmente são mobilizados para o crime. Mesmo com todos os contratempos e dificuldades que certamente compuseram o dia-a-dia de Helena, devido à tradição brasileira de descontinuidade das políticas sociais e educacionais, essa carta revelou, mais uma vez, sua força e sensibilidade em relação aos problemas sociais, ao mesmo tempo em que busca, fora do Brasil, uma possível ponte para continuidade de seus trabalhos.



Parte da Fazenda do Rosário, que poderia ser vendida para saldar dívidas (*Jornal Diário da Tarde*, 1984).

Em 1984, dez anos após seu falecimento, o *Jornal Diário da Tarde*³³, traz como manchete, “O fim da Fazenda do Rosário: triste presente de aniversário para D. Helena”. Na matéria, o jornal denuncia a grave crise financeira da Fazenda devido à diminuição de 2,8 milhões da participação orçamentária do governo. A proposta apresentada para manutenção dos serviços prestados pelas instituições, especialmente pela Sociedade Pestalozzi, com meninos em regime de internato, foi a venda de parte da Fazenda do Rosário.

Reafirmar a importância e as contribuições de Helena Antipoff para com a educação em geral e, em particular, a rural e o seu empenho para a consolidação do conhecimento científico no Brasil, ao concluir este artigo, parecem-me redundantes. No entanto, diante do trabalho que desenvolveu, das mobilizações que fez em diversas frentes em prol da educação brasileira, como condição fundamental de acesso aos bens comuns e da ampliação da democracia, fica uma pergunta: o que nossos governantes fazem das grandes experiências educacionais e dos potenciais que poderiam prosperar no sentido de proporcionar uma educação de qualidade e, de fato, inclusiva?

Decorridos quarenta e três anos do término da CNER, a situação da educação no meio rural e da agricultura continuam à míngua, devido à precariedade de políticas públicas para os dois setores – educação e agricultura. Nem mesmo a atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação (9.394/96) define uma política educacional para o meio rural. Dessa forma, a educação que sempre foi negada às camadas sociais desfavorecidas, e em particular ao homem do campo, por razões históricas, mantém-se desigual na oferta e no acesso, “enquanto os projetos especiais trazem a compulsoriedade de uma ação político pedagógica que acomode e adestre essa mão de obra de acordo com as necessidades da divisão social do trabalho e dentro dos estreitos limites de sua utilidade econômica”³⁴. Essa situação certamente explica a fertilidade da CNER no contexto dos anos 50 ao mesmo tempo em que reafirma a nossa cultura pelas políticas sociais emergentes e descontínuas, expressas em projetos especiais, que frustram tanto as aspirações daqueles que estão à frente para desenvolvê-las, como as

esperanças de seus “consumidores”, fazendo com que os primeiros, na maioria das vezes, sintam-se responsáveis por essa inoperância, como Helena Antipoff ao afirmar: “Tenho vergonha de partir antes de concluir meu trabalho”³⁵.

Notas

* Iraíde Marques de Freitas Barreiro é Doutora, Professora do Departamento de Educação da Faculdade de Ciências e Letras – Assis – UNESP – e do Programa de Pós-Graduação em Educação – UNESP – Marília – e-mail: iraide@assis.unesp.br

¹ BARREIRO, Iraíde Marques de F. *Cidadania e Educação Rural no Brasil: um estudo sobre a Campanha Nacional de Educação Rural*. 1997. 331 p., Faculdade de Educação-USP, São Paulo.

² ANTIPOFF, Daniel I. *Helena Antipoff: sua vida sua obra*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

³ Ibidem.

⁴ CAMPOS, Regina Helena de F. (Org.). *Helena Antipoff: textos escolhidos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

CAMPOS, Regina Helena de F. Helena Antipoff: razão e sensibilidade na psicologia e na educação. *Estudos Avançados*. 17 (49), 2003.

⁵ ANTIPOFF, Daniel I. *Helena Antipoff: sua vida sua obra*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

⁶ BOLETIM INFORMATIVO <http://www.ufmg.br/boletim/bol1425/sexta.shtml> (Acesso em 15/08/2006).

⁷ ANTIPOFF, Daniel I. *Helena Antipoff: sua vida sua obra*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

⁸ CAMPOS, Regina Helena de F. Helena Antipoff: razão e sensibilidade na psicologia e na educação. *Estudos Avançados*. 17 (49), 2003. p. 210.

⁹ Ibidem, p. 211.

¹⁰ VASCONCELOS, Mario S. *A difusão das idéias de Piaget no Brasil*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996. p. 85-97.

¹¹ CAMPOS, Regina Helena de F. Helena Antipoff: razão e sensibilidade na psicologia e na educação. *Estudos Avançados*. 17 (49), 2003. p. 223.

¹² ANTIPOFF, Helena. A Fazenda do Rosário como experiência social e pedagógica no meio rural. *Educação Rural*. Belo Horizonte: CDPHA-Imprensa Oficial. (Coletânea das obras Escritas de Helena Antipoff), 1992.

¹³ CENTRO DE ESTUDOS MINEIROS <http://www.fafich.ufmg.br/cem/> (Acesso em 24/08/2006).

¹⁴ BOLETIM DA UFMG. <http://www.ufmg.br/boletim/bol1229/pag5.html> (Acesso em 15/08/2006).

¹⁵ ANTIPOFF, Helena. Institutos de Organização Rural ou Centro de Urbanização dos Meios Rurais. *Educação Rural*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial. (Coletânea das obras escritas por Helena Antipoff, vol. 4, 1992, pp. 9-10). Publicado originalmente em 1947. Apud, CAMPOS, 2003, p. 225, op cit.

¹⁶ Ibidem, p. 225.

¹⁷ ANTIPOFF, Daniel I. *Helena Antipoff: sua vida sua obra*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975. p. 157-168.

¹⁸ BRASIL. *Revista da Campanha Nacional de Educação Rural*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, vol. 1, 1954. p. 131.

¹⁹ BARREIRO, Iraíde Marques de F. *Cidadania e Educação Rural no Brasil: um estudo sobre a Campanha Nacional de Educação Rural*. 1997. 331 p., Faculdade de Educação-USP, São Paulo.

²⁰ AMMANN, Safira Bezerra. *Ideologia do desenvolvimento de comunidade no Brasil*. 6ª ed., São Paulo: Cortez, 1987. p. 29-30.

²¹ ANTIPOFF, Daniel I. *Helena Antipoff: sua vida sua obra*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975. p. 159.

-
- ²² CAMPOS, Regina Helena de F Helena Antipoff: razão e sensibilidade na psicologia e na educação. *Estudos Avançados*. 17 (49), 2003.
- ²³ ANTIPOFF, Daniel I. *Helena Antipoff: sua vida sua obra*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975. p. 159.
- ²⁴ CAMPOS, Regina Helena de F Helena Antipoff: razão e sensibilidade na psicologia e na educação. *Estudos Avançados*. 17 (49), 2003. p. 223 e 225.
- ²⁵ ANTIPOFF, Daniel I. *Helena Antipoff: sua vida sua obra*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975. p. 161-162.
- ²⁶ BRASIL. *Revista da Campanha Nacional de Educação Rural*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, vol. 1, 1954. p. 168-175.
- ²⁷ Ibidem, p. 171.
- ²⁸ Ibidem, p. 172.
- ²⁹ ANTIPOFF, Helena. Aula inaugural do VI Cursos de Treinamento de Educadores de Base da CNER. *Revista da Campanha Nacional de Educação Rural*. Rio de Janeiro: Ministério da educação e Cultura, Ano 1, vol. 1, julho de 1954. p. 173.
- ³⁰ Ibidem.
- ³¹ ANTIPOFF, Daniel I. *Helena Antipoff: sua vida sua obra*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.
- ³² Idem, p. 164.
- ³³ JORNAL DIÁRIO DA TARDE. Belo Horizonte: Caderno 2, 1984.
- ³⁴ FONSECA, Maria Tereza L. da. *A Extensão rural no Brasil: um projeto educativo para o capital*. São Paulo: Loyola, 1985. p. 19.
- ³⁵ ANTIPOFF, Daniel I. *Helena Antipoff: sua vida sua obra*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975. p. 184.